

de um diário velho, preambular de outro

(Continuação da página doze)

sei de onde me vem, se é velha se é nova, se é intelectual se é sentimental, de que aquelas crianças fiquem rudes. Tenho remorsos de lhes não mudar o destino...

O que o pai e mãe me dizem delas, sobretudo do filho mais velho, pinta-me ingénua e patéticamente a infância dotada, a infância robusta crisálida, dentro de um casulo que a há-de sufocar.

No coração chora-me a amargura da impotência, a impotência de criar e de aproveitar...

Mas o meu parente, marido da minha irmã, que me veio apresentar o seu nono filho, ainda de colo, homem de feições espertas e acigaradas, de gestos pesados e explicativos, como quem sacode as mãos, sagaz, concordante, com o seu especial interesse sempre a trabalhá-lo, pergunta-me se, sim... este pé em que estou... a educação, não a devo, no fim de contas, ao meu pai?

O pai dele foi rendeiro do meu. A sua mulher é minha irmã só pelo lado materno. E é, em face da desigualdade das nossas educações, sem inveja e respeitoso da omnipotência da riqueza, quer saber se não é a esta, afinal, por muito contrafeitos que os seus benefícios me chegassem, que eu devo o que sou.

Tenho de o desenganar por amor da verdade. Meu pai só me mandou ensinar a ler e a escrever. É verdade que às desobrigações e não aos cuidados da paternidade devo os pequenos estudos que depois fiz. Mas o assunto é tão confuso que a sua explicação havia de desinteressar o meu ouvinte. E que lhe importava a ele, que tem o coração todo virado para a vida dos filhos, os velhos romances da sua cunhada? Toda aquela triste desordem de uma vida apenas comecada?... O meu pai sensualão e senil, espicado por uma cohorte de megeras, enxotando-me de casa aos catorze anos, para a cidade grande, onde todos se podem confundir e disseminar!

Mas eram coisas que demais a mais ele conhecia. Ficaram lá pelo sitio, pelo que o acaso me tem agora reve-

lado, meio lendárias e deploradas. Escusava de as estar a repisar.

E hoje, crelo que é apenas com espírito de tese, espírito de que eu não posso imbuir honestamente o meu pobre cunhado, que eu atribuo àquelas misérias de família a minha corrida para as escolas. Supponho que o desamparo em que me vi, a seguir aos enxovalhos recebidos da família nova do meu pai, me levou a buscar um refúgio nas coisas de ordem intelectual. E o ensino secundário era gratuito naquêlo tempo. Eu explico êste refúgio na intelectualidade, boa ou má, mas a minha conhecida e acessível, como forma achada por mim de reabilitação e de interesse novo. As outras raparigas que eu conhecia então não tiravam cursos, não andavam sós, não somhavam com emancipações. Depois encontrei muitas raparigas pobres, sem orgulhos recalçados, que também andavam sós e tiravam cursos. Mas lembro-me que à minha entrada no liceu, um espírito grave, de cuidado e de independência, me tornava simultaneamente arrojada e infeliz, preocupada e audaciosa.

Mas eu havia de ir falar destas coisas ao marido da minha irmã? Entendê-las-ia êle? Talvez, com a boa vontade dos simples, que não levantam dúvidas inúteis e fazem por aceltar tudo que lhes vem de fonte simpática. Mas embora as compreendesse, de nada lhe prestavam: não lhe resolviam o caso dos filhos.

Quási me apetece dizer: um cento de anos depois... Se não tanto, vinte anos depois... Em Genebra, uma profunda, tris-tíssima sensação de isolamento e de desordem interior me fazia achar quente, conexas e recuperativa a vida abstracta do espirito.

Nas salas de curso em que me sentia confranger, sem uma intimidade, uma amizade, e sem uma lembrança grata da estupidez de toda a minha vida atrasada, nas longas horas daqueles dias enervados ou assustados (não sabia bem para que corriam nem como corriam) uma voz intelligente, partida lá de uma distante cátedra, lograva orientar o meu tumulto, calmar-me, consolar-me...

Será, pois, rasoável a minha tese de que a vida do espirito é recuperativa? de que a desordem sentimental se sustem, ou se ilude pelo menos, com a excitação intelectual?

d e l i t e r a t u r a

(continuação da página quatro)

LIVROS BRASILEIROS

Aleluia, por Ivan Ribeiro —1937.

Eis-nos diante do primeiro livro de versos dum poeta; dum poeta que se mostra senhor duma arte sua, no vigor duma revelação forte, pleno de humanidade no seu expressionismo artístico que, sendo original, não ganha em estranheza e bizarrria, para perder em inteligível compreensão; dum poeta que sabe traduzir, através a sedução duma forma literária talvez caprichosa mas admiravelmente límpida, o fundo emotivo duma sensibilidade requintadamente poética. Porque na arte de Ivan Ribeiro nota-se à maravilha uma como que perfeita identidade entre o que expressa, em figuras tão notáveis de beleza — deliciosamente harmónicas e o que deverá ser a constituição da sua personalidade sensível. De facto ser-nos-la quási impossível conceber que êstes versos, que duma forma tão justa traduzem exaltações e êxtasis, renúncias e quebrantos, delírios, revoltas, anseios de justiça e ternuras, affectos ora serenos ora impetuosos, deixassem de partir dum ser que, acima das construções frias da intelligência, não escrevesse com o ânimo delicado dum emotivo. E se existisse essa contradição, não seria ainda interessante assinalar o poder intelectual que tão bem soube arranjar um tecido literário, com expressões cativantes, a saber traduzir o mundo de coisas delicadas, e indefiníveis para a expressão comum, que só a arte nos pode muitas vezes transmitir?

Ivan Ribeiro afigura-se-nos logo um caso curioso na literatura poética, porque, sem as confissões torturadas daqueles que vivem na loucura dos abismos interiores, num snobismo de imitação dostoiévskiana, é moderno, sem complicações psicicas, nem exageros de situações, sem terríveis espasmos—hoje tanto em voga. Há na sua arte uma como que serenidade íntima, um lirismo sadio, e quando deixa aflorar os instantos profundos nas frases das suas queixas ou, até, dos seus hinos vibrantes, êles têm a feliz expressão dum apetite vivo mas brando, natural e saudável. Contudo, sendo assim, não deixa de compreender os delírios que tomam mesmo os mais fortes e se se dá ao cântico dos desejos, aos hinos à vitalidade sadia, sabe igualmente sentir a meia luz das renúncias e até a fuga desesperada na morte, depois de narrar os instantes—tão difficil noutra arte que não seja a poética ou a musical! —das vagas indecisões.

Há em alguns dos versos do jovem poeta a compreensão revoltada contra o efêmero da vida que êle gostaria de fixar na quietude dum instante. Então, exclama:

O' alfaiates que estais cosendo para oclósos que estão dormindo;
ó sapateiros que trabalhais de graça para estudantes sempre amigos;
ó modestos médicos que clínicos na policlínica das grandes dôres;
ó honestos padres que acordais tão tarde para consolar os últimos momentos de alguém;
ó homens apressados que parais um instante para dar um níquel a uma velhinha pobre, para um pouco, um minuto apenas, para um pouco porquê o fotógrafo quer fazer um grupo de vós todos, para legar ás gerações que vierem, como um souvenir social, como a fotografia espantosa de um grito!

Expressa numa forma radiosa a queixa contra o ódio de Caím, para terminar oferecendo-lhe tudo de si—«toma meus olhos e meus pés»—na apostólica crença da salvação alheia:

Caím!
Teu cão devorou a minha ovelha única.
Enquanto eu dava de beber á tua mãe,
teu abutre roeu o fígado da minha pomba mensageira
e inutilizou as palavras que vieram como música.
Tuas águas inundaram meus celeiros,
teu sol matou as minhas fontes naturais de mel,
o peso do teu ódio arrazou os montes donde eu saídava a auróra e a mulher!
Caím!
Enquanto eu limpava o teu solo de ervas daninhas,
tu chicoteaste tres vêses as minhas tres irmãs louras.
Teus servos incendiaram a minha casa e tu roubaste meu violino.
Teus soldados arrancaram-me os dedos.
Toma uma chave, Caím, e parte, toma meus olhos e meus pés e acertarás com a porta.
Eu te abrirei a porta e serei a chama que alumiará a tua vitória
porque sou o mais veloz.

Afigura-se-nos que as letras brasileiras podem, no campo da poesia, contar com êste novo artista que Jorge Lima apresenta, no prefácio do livro, com palavras de admirativo entusiasmo.

J. S. L.

A' venda na nossa
redacção:

**DIGRESSÕES
EM PORTUGAL**

do Dr. ABEL SALAZAR
\$800 — Á cobrança mais 10 %.

catorze

sol nascente